



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – LET

***DEITSCH OU DEUTSCH? MACROANÁLISE PLURIDIMENSIONAL DA
VARIAÇÃO DO HUNSRÜCKISCH RIO-GRANDENSE
EM CONTATO COM O PORTUGUÊS***

Martina Meyer

Prof. Orientador: Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre, setembro de 2009

Membros da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Karen Pupp Spinassé

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

SUMÁRIO

Introdução.....	4
Capítulo 1 – Fundamentação teórica.....	8
1.1 Língua, dialeto, variedade.....	8
1.2 Homogeneidade <i>versus</i> heterogeneidade.....	9
1.3 A noção de <i>contínuo linguístico: standard – substandard</i>	10
1.4 Variação e mudança linguística sob a perspectiva pluridimensional.....	11
Capítulo 2 – Contexto da pesquisa.....	13
2.1 Línguas de imigração alemã.....	13
2.2 O que é <i>Hunsrückisch</i> ?	15
2.3 Áreas de ocupação e situação no novo meio.....	18
2.4 Fases do contato alemão-português: imigrantes pioneiros e tardios.....	19
Capítulo 3 – Metodologia: macroanálise pluridimensional.....	21
3.1 O princípio da pluridimensionalidade da variação linguística.....	21
3.2 Rede de pontos.....	22
3.3 Coleta de dados.....	23
3.4 Variáveis linguísticas – variantes convergentes e divergentes.....	23
Capítulo 4 – Análise dos dados.....	26
4.1 Situando a análise.....	26
4.2 Delimitação das áreas <i>Deutsch</i> e <i>Deitsch</i> no eixo da diatopia.....	27
4.3 Diferenças de comportamento vinculadas ao lexema.....	28
4.4 Variações no eixo vertical.....	28
4.5 Topodinâmica dos imigrantes: aspectos da língua nas colônias novas.....	30
4.6 Percepção dos falantes.....	32
Considerações finais.....	33
Referências.....	35
Anexos.....	38

INTRODUÇÃO

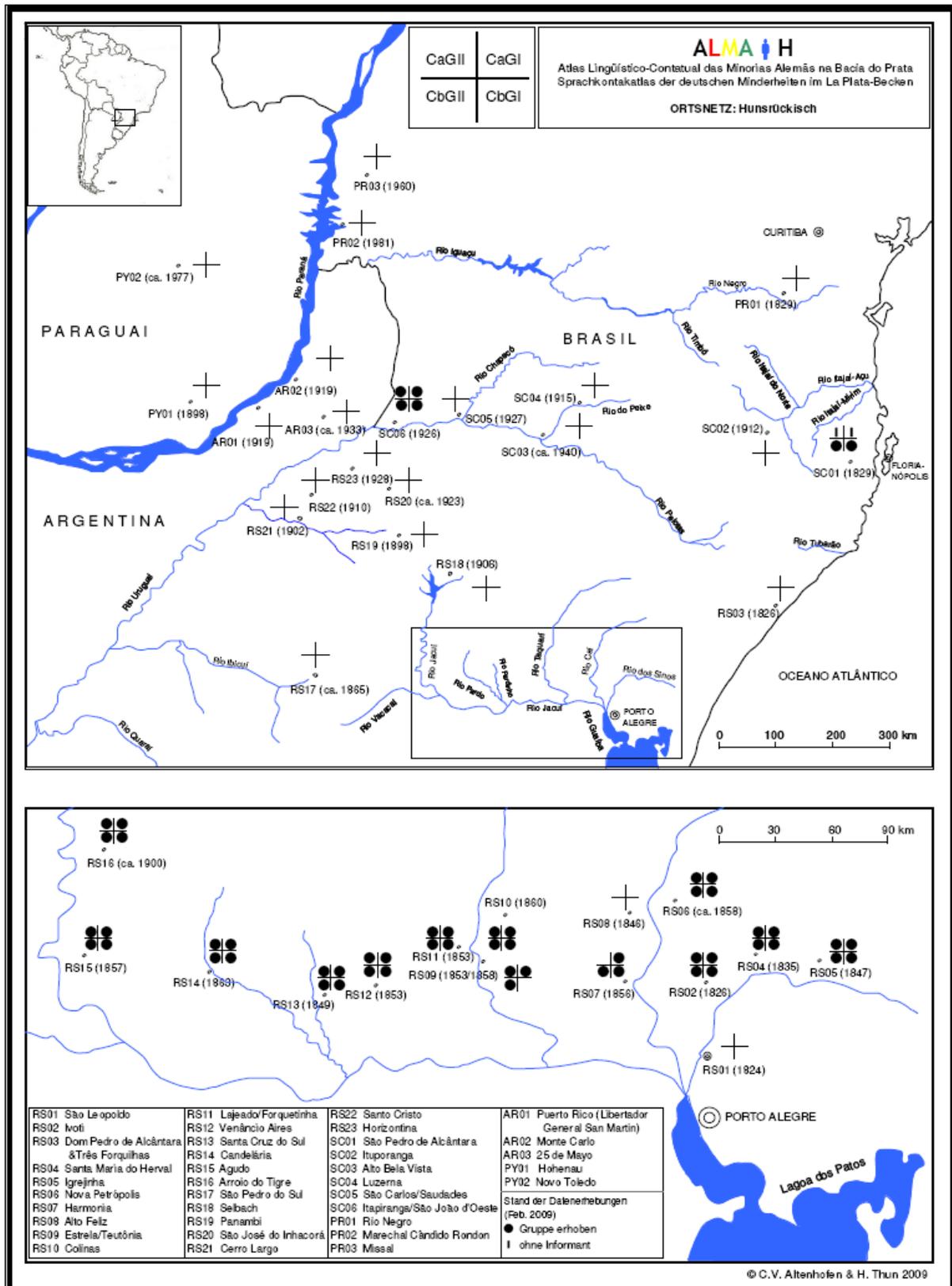
O presente estudo analisa a variação do Hunsrückisch como língua de imigração alemã em contato com o português no sul do Brasil. Tal propósito orienta-se pelos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional, que, diferentemente do que praticava a dialetologia tradicional, monodimensional, considera fatores tanto de ordem geográfica (diatópica), isto é, do plano horizontal, como sociológica, do plano vertical. Conforme esse modelo teórico, é indispensável que se realizem análises também no âmbito do meso- e microcosmo, como sugere Thun (2005)¹. Assim, servem de base para análise os dados do projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*)², que envolvem dados linguísticos (fonético-fonológicos e sintáticos), bem como atitudes e percepções dos falantes com relação à língua (dimensão diarreferencial) em uma rede de 37 pontos de pesquisa (v. mapa 1).

O problema de pesquisa que se coloca, aqui, está ligado à delimitação do Hunsrückisch (*Varietätenabgrenzung*, cf. Schmidt 2005; Altenhofen 2009) e sua variação interna. A partir do estudo de Altenhofen (1996), constatou-se a existência de, pelo menos, três conjuntos de variantes dialetais, caracterizadas respectivamente por traços [+moselano], [+renano] e [+padrão]. Atualmente, no entanto, estudos prévios do ALMA-H, como a análise parcial feita por mim em 2008 para o XX Salão de Iniciação Científica da UFRGS, bem como o estudo de Altenhofen (2009), permitem reconhecer, nas colônias³ velhas, duas grandes áreas dialetais, a saber: uma com tendências que convencionamos chamar do tipo *Deutsch*, com traços mais próximos à variedade-padrão do alemão (p. ex. *Bein*, *Hahn*, *veliere*), cuja área corresponde à das colônias de imigrantes mais tardios, em oposição a outra, dos imigrantes pioneiros, que apresentam variantes do tipo *Deutsch*, com traços mais distantes do *Hochdeutsch* (ou seja, p. ex. *Been*, *Hoohn*, *veleere*).

¹ “Metodologicamente, a geolinguística pluridimensional e relacional pertence àquelas ciências que partem do mesocosmo (dos fatos da linguagem acessíveis aos falantes), passam pelo microcosmo (analisando, por exemplo, sons, sentidos de palavras ou estruturas sintáticas [...]) e chegam até o macrocosmo” (Thun 2005, p. 68).

² O ALMA-H é um projeto binacional, em parceria com a Universidade de Kiel, na Alemanha, coordenado pelo Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen (Brasil) e pelo Prof. Dr. Harald Thun (Alemanha), e que conta com o apoio da Fundação Alexander von Humboldt. A presente monografia surge como resultado da experiência como Bolsista de Iniciação Científica neste Projeto, no período de 2006 a 2009 (BIC – Propesq/UFRGS e PIBIC – CNPq).

³ O conceito de “colônia” será empregado, neste estudo, no sentido de local de ocupação dos imigrantes e de implementação de sua cultura no novo meio.



Mapa 1 – Rede de pontos do ALMA-H e estágio atual dos levantamentos de dados, em 17.08.2009

A partir dessas constatações, definiu-se como objetivos principais deste estudo: a) ampliar e aprofundar a análise de Meyer (2008) das localidades nas colônias velhas através de uma descrição mais minuciosa das variáveis convergentes e divergentes de ambos os tipos (*Deutsch* e *Deitsch*), identificando fatores que expliquem a realidade e o que há por detrás dessa oposição aparentemente tão clara e, a partir disso, b) verificar o problema da delimitação da variedade, identificando, para tanto, variáveis que pudessem apontar que se trata de variações de uma variedade ou de duas variedades distintas. Evidentemente, delimitações dessa natureza são por definição arbitrárias, guardam no entanto um objetivo implícito de priorizar um ou outro aspecto da variação linguística.

Por esta razão, como complemento à macroanálise desses aspectos, será necessário contextualizar historicamente o contato linguístico em questão, uma vez que se supõe que o grau de dialetalidade é, de modo geral, proporcional à idade do ponto, ou seja, quanto mais antiga a colônia, maior a tendência de apresentar uma variedade com traços mais distantes do alemão-padrão. Fica a pergunta sobre o que acontece nas áreas das colônias novas (*Tochterkolonien*), para onde migraram descendentes das duas áreas (*Deitsch* e *Deutsch*), localizadas nas colônias velhas, as quais receberam imigrantes diretamente da Alemanha. A hipótese mais lógica é de que as variantes [+padrão] se tenham imposto sobre as [+dialetais]. Uma análise como a que pretendemos aqui – e que, no estágio atual, já é possível em virtude do *corpus* em construção – pressupõe com certeza uma série de fatores, entre os quais origem e a proveniência sociocultural dos imigrantes, bem como a situação no novo meio, que diz respeito ao grau de isolamento/urbanização, contato dos imigrantes com o *Hochdeutsch* na escola ou através da imprensa, contato com outras etnias e/ou grupos dialetais, bem como a confissão religiosa do falante etc.

Na medida em que se coloca a relação entre dois extremos do contínuo dialetal ([+dialetal] ou [+Deitsch] até [+padrão] ou [+Deutsch]) e se tenta estabelecer uma sistematização de uma língua de imigração, portanto, alóctone e, ainda, minoritária, por vezes chamada pejorativamente como “língua de colono” ou “língua quebrada”, permite-se compreender como se constitui o contato de uma língua de base germânica com uma língua românica e entender os mecanismos que estão por trás do uso da língua em contextos de bi- ou plurilinguismo. Assim, este estudo leva a reflexões em outros campos do conhecimento, como por exemplo, na história da imigração, na questão da conscientização linguística e identitária, na educação e no ensino de alemão nas escolas, onde ocorre o contato linguístico,

pensando na variedade dialetal como ponte para o ensino de alemão-padrão, o *Hochdeutsch*. No âmbito das justificativas internas do tema em questão, o estudo possibilita um aprofundamento e aplicabilidade da metodologia pluridimensional e relacional que orienta a coleta de dados e os estudos do projeto ALMA-H, do qual pertence o *corpus* de análise e com o qual o presente trabalho visa contribuir.

O estudo é estruturado, basicamente, em três partes: 1) no primeiro capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica, que inclui a definição de alguns conceitos básicos, como por exemplo, a diferença entre *língua* e *dialeto*, a noção de *variedade* e *contínuo linguístico*, bem como estudos de variação, mudança e contato linguístico; 2) no segundo capítulo, falar-se-á sobre as línguas de imigração alemã, e, mais especificamente, sobre o *Hunsrückisch*, abordando as fases do contato alemão-português, as áreas de ocupação dos imigrantes e sua situação no novo meio; 3) o terceiro capítulo apresenta aspectos da metodologia e do *corpus* de análise e, por fim, 4) proceder-se-á à macroanálise pluridimensional dos dados linguísticos e extralinguísticos parciais coletados até o momento pelo ALMA-H.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Língua, dialeto, variedade

Para falar sobre geo- e sociolinguística deve-se considerar, primeiramente, alguns conceitos fundamentais, como o de *língua*, *dialeto* e *variedade*, cujas definições ainda geram longas discussões. O problema conceitual advém da dificuldade de traçar diferenças e delimitações entre um termo e outro, a saber, até que ponto se considera determinada variedade de uma língua um dialeto da mesma, havendo ainda o questionamento se um dialeto pode ser considerado, também, uma língua. Nota-se, popularmente, uma tendência ao uso do termo *dialeto* para designar tudo o que não é padrão. Seria um subsistema unitário falado em uma área geográfica por determinada comunidade linguística, muitas vezes julgado preconceituosamente como a língua errada ou feia, com *status* inferior.

Uma das distinções mais recorrentes na literatura em geral está fundada em critérios menos linguísticos do que políticos, em que a principal diferença entre língua e dialeto é de cunho institucional. Ou seja, enquanto a *língua* é reconhecida oficialmente pelo Estado e mantém forte tradição cultural e literária, o *dialeto* é tido como um subsistema da língua, não reconhecido pelo Estado e, de modo geral, sem tradição escrita.

No entanto, do ponto de vista puramente lingüístico, não há diferença sistêmica entre *língua* e *dialeto*. Se tomarmos a língua-padrão ou oficial como um sistema cujas variações resultam em dialetos, torna-se incoerente e paradoxal uma distinção entre *língua* e *dialeto*, uma vez que a variedade não-oficial comporta-se, sistematicamente, de forma idêntica ao da variedade convencionalizada padrão, ou seja, à *língua*. Como afirma Coseriu (1982, p. 10-11),

“entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza o ‘sustancial’. Intrínsecamente, un dialecto es simplemente una lengua: um sistema fônico, gramatical y léxico. (...) Así, pues, en sentido ‘objetivo’ [...], el término *dialecto* [...] no significa otra cosa que el término *lengua*.”

Por outro lado, nos estudos dialetológicos o termo *língua* é empregado para referir-se à língua histórica (ou “idioma”) reconhecida como tal pelos próprios falantes e pelos falantes

de outras línguas. Essa língua histórica é constituída por um conjunto de diferentes modos de falar intercompreensíveis, designados “dialetos”. Isso justifica a afirmação de Coseriu (1982, p. 11): “si todo ‘dialecto’ es una lengua, no toda ‘lengua es un dialecto.’”

Assim, no caso do *Hunsrückisch* falado no Rio Grande do Sul, pode-se dizer que, em relação à língua-base, ou seja, ao alemão-padrão falado na Alemanha (*Hochdeutsch*), trata-se de um *dialeto*, dado seu grau de familiaridade e semelhanças linguísticas com aquela língua, sejam estas de ordem fonético-fonológica, morfossintática ou semântico-lexical, decorrentes de seu vínculo histórico, comportando-se, portanto, como um *subsistema*. Nesse caso, seguindo o raciocínio de Coseriu, o “alemão” seria o *idioma*, a língua histórica constituída por diferentes modos de falar ou dialetos a ela subordinados, entre eles o *Hunsrückisch*. Este, por outro lado, é um falar que, no contexto brasileiro, incorporou traços de outros falares com características linguísticas de tamanha peculiaridade, que, desvinculada de sua matriz de origem, pode ser considerada, também, uma *língua* brasileira, e, por ser alóctone, *língua de imigração*. Para os estudos sociolinguísticos, a diferença, portanto, é uma questão de ponto de vista.

1.2 Homogeneidade *versus* heterogeneidade

A existência da variação é uma constatação já consolidada e incontestável na linguística e de fácil comprovação empírica. Não há falares homogêneos nem imutáveis. As línguas variam não apenas no eixo diatópico, como também em uma mesma localidade, entre grupos sociais distintos, entre homens e mulheres, jovens e velhos, entre famílias distintas, e até mesmo um único indivíduo varia seu “modo de falar” diante de situações diversas. Ou seja, a variação dá-se também internamente, dentro de uma mesma variedade dialetal.

No entanto, costuma-se aludir a esse conjunto de variedades de modo genérico, apenas para designar um modo de falar. As línguas de imigração alemã, por exemplo, são mencionadas, muitas vezes, como um “falar teuto-brasileiro” ou são chamadas genericamente de “alemão”. Com essas designações são encobertas as variações existentes, como se em toda parte se falasse a mesma variedade. A pergunta que se coloca nesse sentido é sobre a possibilidade de estipular uma delimitação entre as variedades ou tipos dialetais, se não há homogeneidade. Tendo em vista essa variação interna e a dinâmica dos contatos lingüísticos,

não é difícil constatar que estabelecer fronteiras sólidas entre uma variedade e outra não é tão simples. Se traçar diferenças entre língua e dialeto não é uma tarefa fácil, parece ser mais complexo ainda definir (ou não) fronteiras dentro de um mesmo tipo dialetal, de modo a delimitar variedades. Porém, como afirma Altenhofen (2008, p. 39-40),

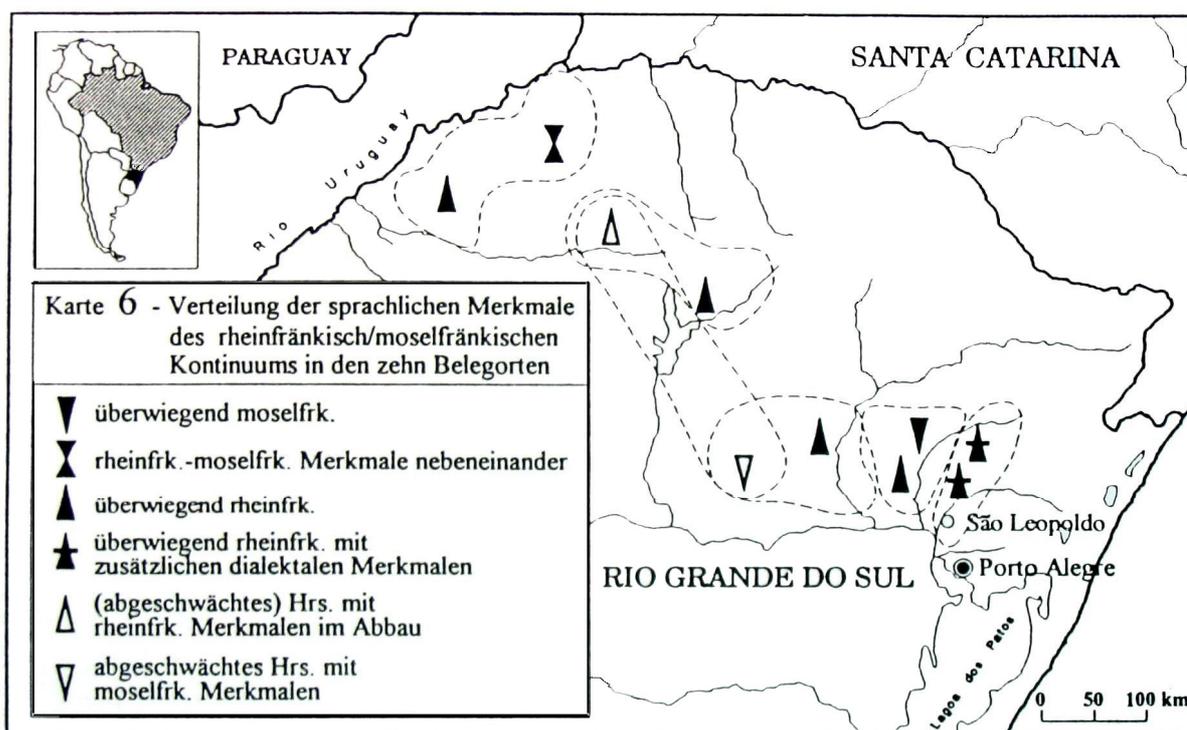
“identificar dialetos puros não parece, aliás, a questão mais importante e mais crucial. Muito mais correto e produtivo para o pesquisador é dizer que a variedade falada por um indivíduo ou comunidade apresenta prioritariamente traços que remetem a determinado dialeto (questão da vinculação histórica e geográfica a uma possível matriz de origem).”

No caso das línguas de imigração, a solução seria, então, verificar tendências de variação para cada tipo dialetal a partir de determinados critérios, considerando tanto os traços linguísticos presentes, como também fatores extralinguísticos envolvidos no contexto da imigração alemã.

1.3 A noção de *contínuo linguístico: standard – substandard*

Considerar a língua como um conjunto heterogêneo de variedades a ela subordinadas implica em reconhecer também uma estrutura *standard*, com *status* social mais elevado em relação às outras. Tal variedade, no entanto, nem sempre se refere à língua padrão oficial, mas à linguagem usada na oralidade, relacionada, de modo geral, a uma posição social de maior prestígio. Nesse sentido, a variedade “*substandard*”, subordinada àquela, possui valoração social diferenciada.

Entretanto, analisar essa heterogeneidade e entender a coexistência de tipos aparentemente tão complexa parece ser, a princípio, inviável. Contudo, Bellmann (1983, *apud* Lenz 2005) propõe uma estruturação das variedades *substandards* baseada em níveis dialetais. Nesse contínuo, colocam-se, entre um extremo e outro (entre a variedade *standard* e a base dialetal), diversas variantes dialetais ordenadas de acordo com o grau de dialetalidade. Assim, torna-se possível ordená-las ao longo de um contínuo dialetal. Um exemplo prático desse modelo remete à tipologia do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul, sugerida por Altenhofen (1996) (v. mapa 2). Nessa tipologia estão em jogo variantes do contínuo dialetal <francônio moselano – francônio renano>, em que a variedade *standard* corresponde ao tipo com ocorrência de traços [+renano].



Mapa 2 – Tipologia do Hunsrückisch, cf. Altenhofen (1996, mapa 6)

Altenhofen percebeu, neste estudo, pelo menos seis tendências dialetais distintas, que podem se resumir a variedades com traços [+moselano], [+renano] e [+padrão]. No presente estudo, consideramos os traços [+renano] e [+padrão] como pertencentes ao tipo *Deutsch*, enquanto traços [+moselanos] constituem o tipo *Deitsch*.

1.4 Variação e mudança linguística sob a perspectiva pluridimensional

A coexistência de tipos e a situação de contato linguístico levam à ocorrência da *mudança linguística*. Aliás, as línguas mudam porque são heterogêneas tanto no nível espacial quanto no nível social. Embora as transformações linguísticas ocorram de forma lenta, elas se dão continuamente, sem interrupção no tempo. Contudo, as mudanças são perceptíveis não apenas a partir de análises diacrônicas da língua, entre variações linguísticas afastadas entre si no tempo. Através de um estudo sociolinguístico é possível reconhecer sincronicamente a coexistência de variantes indicadoras de transformação linguística. Contrastes entre jovens e velhos, por exemplo, demonstram uma provável mudança em tempo aparente. Nas palavras de Faraco (1998, p.13),

“tanto o contraste entre a fala de gerações diferentes, quanto o contraste entre a fala de grupos socioeconômicos diferenciados – coexistindo todos num mesmo ponto no tempo – podem ser reveladores de processos de mudança linguística”.

Vale ressaltar que tais contrastes de fala entre esses grupos não pressupõem, categoricamente, mudança linguística. Muitas dessas diferenças nada tem a ver com mudança, porém estão ligadas às características singulares de cada grupo. Daí a afirmação da linguística histórica de que “nem toda variação implica mudança, mas toda mudança pressupõe variação” (Faraco 1998, p. 13). Ademais, conforme Faraco (1998), numa situação de contato linguístico e coexistência de tipos dialetais entram em jogo também os valores atribuídos pelos falantes às diferentes variedades. Tais valores sociais podem bloquear, retardar, acelerar ou até mesmo reverter a expansão da mudança linguística de uma para outra variedade da língua.

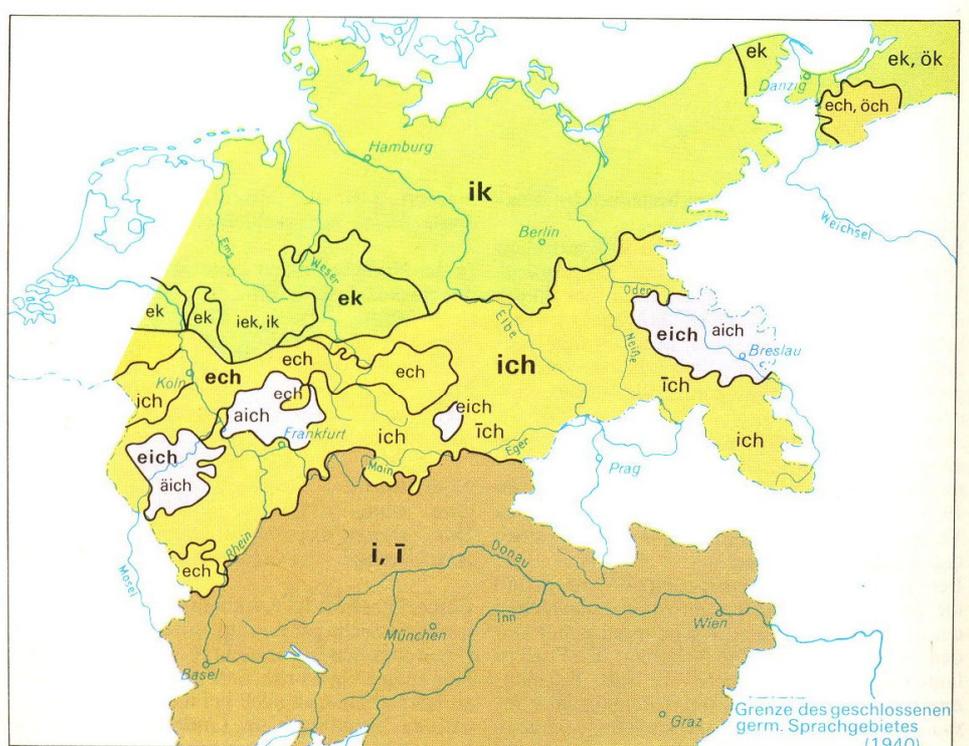
A concepção básica que orienta nossa visão e análise da variação e mudança linguística pauta-se no princípio da pluridimensionalidade, segundo o qual a língua varia em diferentes dimensões: no plano horizontal, a variação se dá no espaço (dimensão diatópica) e nos movimentos migratórios aí observáveis (topodinâmica); a esse plano, priorizado pela dialetologia tradicional, associam-se dimensões verticais, como a variação diastrática (entre estratos sociais), diageracional (entre diferentes gerações), diassexual (entre homens e mulheres), diarreferencial (percepção dos falantes sobre a língua), diafásica (uso de mais de um estilo de fala, conforme a situação), diarreligiosa (entre falantes de confissões religiosas distintas), dialingual (falantes de uma ou mais línguas). No capítulo 3 será exposto como esse princípio é aplicado na metodologia do ALMA-H.

Uma dimensão sumamente relevante para o presente estudo é a dimensão contatual que caracteriza o objeto de estudo, o Hunsrückisch. O ALMA-H é um atlas “linguístico-contatual” no sentido de que considera, em suas pesquisas, não apenas a língua minoritária, no caso o Hunsrückisch, mas também o português e o espanhol de falantes bilíngues em situação de contato na área de estudo. Ratke & Thun (1996), com base nas experiências e contribuições de outros atlas, como o ADDU (*Atlas Lingüístico Diatopico y Diastratico del Uruguay*) e o ALGR (*Atlas Lingüístico Guaraní-Románico*), chamam atenção para a importância de se considerar este parâmetro contatual, bastante negligenciado nos estudos geolinguísticos anteriores, que, no entanto, é importante para a descrição da variação linguística, especialmente em contextos de bi ou plurilinguismo, situações nas quais as variedades sofrem influência mútua umas sobre as outras.

CAPÍTULO 2 – CONTEXTO DA PESQUISA

2.1 Línguas de imigração alemã

Não é necessário aprofundar-se muito nas pesquisas para perceber que não se trata de uma única língua de imigração falada no sul do Brasil, mas sim de um conjunto de variedades dialetais em contato. A própria história da imigração remete a diferentes dialetos trazidos já da matriz de origem. Os imigrantes eram provenientes de diversas regiões da matriz de origem, distribuídas sequencialmente em três grandes áreas linguísticas: do baixo-, alto- e médio-alemão (v. mapa 3). O fato é que a própria origem heterogênea dos imigrantes pressupõe, no contexto brasileiro, diferentes dialetos em contato. Assim, famílias oriundas de determinada área linguística da região onde hoje situa-se a Alemanha tiveram que conviver e interagir, no novo meio, com famílias provenientes de outras áreas dialetais, e, pelo menos teoricamente, também com falantes de português.



Mapa 3 – Áreas dialetais na matriz de origem (König 1978, p. 162)

Contudo, mesmo cada uma dessas variedades dialetais não é internamente homogênea. Suas variantes podem apresentar maior ou menor grau de dialetalidade em relação ao alemão-padrão, o *Hochdeutsch*. O “alemão” – no sentido genérico do termo – falado pelos teuto-brasileiros se comporta como uma língua ou um sistema heterogêneo, cujos subsistemas podem ser definidos/classificados associando-os a determinados grupos de fala, à sua origem histórica e geográfica, bem como à autodenominação pelos próprios falantes. Esses fatores podem constituir parâmetros que “organizem” a aparente mistura de falares decorrente dos contatos. Sob esses critérios, Altenhofen (2007) reconhece, pelo menos, as seguintes variedades no Brasil, dentre as quais o Hunsrückisch e o pomerano são as mais difundidas. As demais caracterizam-se por ficarem confinadas a pequenas ilhas linguísticas:

Variedades originárias da área do baixo-alemão (*Niederdeutsch*):

1. pomerano;
2. vestfaliano ou sapato-de-pau;
3. *Platt* menonita;

Variedades originárias da área do médio-alemão (*Mitteldeutsch*):

4. Hunsrückisch (ou hunsriqueano);
5. Wolgadeutsch ou Russlanddeutsch;
6. boêmio;

Variedades originárias da área meridional do alto-alemão (*Hochdeutsch*):

7. suábio;
8. bávaro;
9. austríaco.

Além dos critérios de classificação acima mencionados, há ainda que se considerar nas variáveis o grau de aproximação ou distanciamento da variedade padrão do alemão, uma vez que a presença e acesso ao alemão-padrão varia de localidade para localidade, conforme, por exemplo, o grau de letramento em alemão-padrão dos falantes, decorrente da presença da imprensa e/ou do ensino dessa variedade, origem dos imigrantes etc. Alguns autores, como por exemplo Willems (1940, cap. 13), levantam, ainda, a hipótese de que os luteranos teriam mantido mais fortemente o alemão do que os católicos e sua proficiência no *Hochdeutsch* seria, de modo geral, maior, em decorrência de uma série de fatores. Além disso, não se deve

deixar de lado a própria história da imigração, observando que o ensino do Hochdeutsch e a imprensa em língua alemã foram interrompidos durante o período de proibição do alemão devido à Segunda Guerra Mundial e pela política de nacionalização do ensino durante o Estado Novo.

2.2 O que é *Hunsrückisch*?

Na Alemanha, o termo que nós chamamos *Hunsrückisch* remete ao francônio-renano e ao francônio-moselano falado na região do Hunsrück, às margens dos rios Reno e Mosela, no oeste do país. Por esta razão, no contexto da imigração, a expressão pode ser empregada para designar o grupo de imigrantes provenientes daquela região. No entanto, para os teuto-brasileiros, trata-se menos de uma autodenominação decorrente da matriz de origem do que da denominação de uma das variedades dialetais desse grupo minoritário. Além disso, concluir que todos os falantes de *Hunsrückisch* têm raízes na matriz do Hunsrück, na Alemanha, é uma classificação inverossímil, uma vez que não há homogeneidade quanto à proveniência dos falantes, mesmo dentro de uma mesma comunidade, embora não se tenha, até agora, conhecimentos suficientes quanto à origem regional dos imigrantes.

Atualmente essa relação entre a denominação do grupo e da variedade dialetal com o nome da terra europeia de origem é apenas parcialmente reconhecida entre os teuto-brasileiros. Com o tempo, a denominação *Hunsrückisch* passou a ser usada cada vez mais para designar o dialeto enquanto subsistema do alemão-padrão e menos para caracterizar o grupo de imigrantes. O fato é que, em decorrência do contato com o português e do distanciamento da variedade *standard*, há uma tendência à significação depreciativa de *Hunsrückisch*. Entre os falantes, o termo é associado a uma variedade com *status* de menor prestígio, a uma fala “quebrada”, “misturada”, “errada”, “língua de colono”. Tal depreciação pode ser reconhecida até mesmo nas publicações que circulavam entre os imigrantes. A imprensa teuto-brasileira caracterizou-se pelo uso predominante do alemão-padrão. No entanto, em algumas publicações, como nos contos dialetais do Pe. Balduino Rambo, e em jornais e calendários, como por exemplo o *Brummbär-Kalender*, de Alfons Brod, pode-se encontrar narrativas e poemas escritos na variedade dialetal, cujos conteúdos refletem interessantes aspectos da vida dos colonos. Porém as escolhas linguísticas e características dos

temas evidenciam a intenção primordial dos autores, isto é, causar um efeito satírico e humorístico.

Por outro lado, do ponto de vista puramente linguístico, o Hunsrückisch constitui um contínuo dialetal do alemão como língua de imigração em contato com o português no Brasil, caracterizado pela variação interna que inclui traços com base de origem francônio-moselana e francônio-renana (v. mapa 4), à qual se incorporaram características de outras variedades em contato, inclusive de outros grupos minoritários, mas sobretudo do português e do alemão-padrão, como variedade escrita. As variantes do francônio-moselano apresentam traços que se distanciam da língua base, o alemão-padrão, enquanto que o tipo dialetal com variantes do francônio-renano é visto pela comunidade como uma espécie de *Hochdeutsch local* (“lokales *Hochdeutsch*” [Altenhofen 2009]), que Altenhofen (1996) também denominou “Hunsrückisch enfraquecido” (“abgeschwächtes Hunsrückisch”), uma vez que se caracteriza pela presença de diversas variantes linguísticas convergentes com a variedade-base do contínuo. A partir dos novos levantamentos do projeto ALMA-H, essa oposição entre as variantes pode ser classificada pela oposição de dois tipos dialetais: *Deutsch*, para as variantes com traços [+padrão] e *Deitsch*, para variantes com traços [+dialetais], denominação usada também pelos próprios grupos de falantes. Retomarei essa discussão no capítulo 3.

É curioso observar que, dentre tantas variedades dialetais trazidas pelos imigrantes alemães, o Hunsrückisch tenha se difundido e prevalecido sobre as outras. Uma hipótese é a de que a maior parte dos imigrantes tenha sido provenientes da região do Hunsrück e, por essa razão, houve uma maior difusão da língua com maior número de falantes. Por outro lado, por incluir traços intermediários, com base na variedade falada na área do médio-alemão (*Mitteldeutsch*), é de se supor que, em prol da intercompreensão dos falantes, o Hunsrückisch tenha se adequado como um tipo de *coiné* dos teuto-brasileiros, de modo que seus traços foram incorporados nas demais variedades. O fato é que, pela falta da variedade-padrão nessa situação de contato entre diversas variedades dialetais, o Hunsrückisch acabou por ocupar esse lugar de variedade falada *standard* (*Überdachungsnorm*).



Mapa 4 – Distribuição dos dialetos alemães na matriz de origem, com destaque na região do Hunsrück (cf. Wiesinger 1983, p. 831)

Para finalizar, o termo “Hunsrückisch” abrange, portanto, no contexto brasileiro, uma polissemia de significações, tais como: 1) refere-se aos grupos de imigrantes/grupos de fala originários da região do Hunsrück; 2) trata-se de uma das variedades dialetais faladas pelos teuto-brasileiros; 3) comportou-se como um tipo de coiné dos imigrantes e 4) constitui um contínuo linguístico contatual do alemão como língua alóctone com base no francônio-renano e francônio-moselano. As características da variação interna dependem de diversos fatores que variam de comunidade para comunidade, entre um falante e outro.

2.3 Áreas de ocupação e situação no novo meio

A primeira leva de imigrantes alemães vindos ao Rio Grande do Sul desembarcou no dia 25 de julho de 1824 na antiga Real Feitoria de Linho Cânhamo, atual cidade de São Leopoldo, onde permaneceu até que fossem concedidas terras para começar a trabalhar. A partir de São Leopoldo, a colonização alemã se espalhou para o oeste, em zonas de mata e, geralmente, à beira de rios, do Vale dos Sinos ao Jacuí. Posteriormente, descendentes desses imigrantes formaram as chamadas colônias novas no noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina e Paraná, avançando para a região das Missiones, na Argentina e para o leste do Paraguai.

Embora tenha sido relativamente constante no século XIX, a imigração alemã foi irregular, com interrupções devido a fatores políticos e em decorrência da Segunda Guerra Mundial e da Revolução Farroupilha. Também a procedência dos imigrantes é irregular e heterogênea. O Rio Grande do Sul acolheu, sobretudo, imigrantes originários de zonas rurais. Porém, devido às falhas da Política de Imigração no sentido de não responder às necessidades dos colonos, por volta de 1920, o governo brasileiro resolveu atrair somente imigrantes com condições econômicas de se estabelecerem no país e se desenvolverem sem necessitar de auxílio financeiro, acarretando a imigração significativa de alemães de origem urbana, de diferentes profissões e ocupações (cf. Roche 1969).

Contrariamente ao que prometia aos imigrantes a Política de Imigração do Brasil, a saber, que cada família receberia terra para cultivar e que seriam logo naturalizados, além de que receberiam auxílio financeiro e de que gozariam da liberdade de culto, entre outras cláusulas, os colonos não tiveram o apoio esperado. Muitas famílias permaneceram por um longo período sem terra e sem subsídios financeiros para viver. A própria Constituição do Império “opunha-se à concessão imediata e automática da nacionalidade brasileira e proclamava a religião católica a do Estado” (Roche 1969, p. 95). Os imigrantes permaneceram durante muitos anos alheios à preocupação dos dirigentes. Sua dificuldade de locomoção decorrente da ausência de estradas e meios de transporte agravou ainda mais a situação de isolamento. Tal condição fez com que desencadeasse entre eles o sentimento de ressentimento e marginalidade, agravado por serem imigrantes não-naturalizados (cf. Willems 1940, cap. 7). Fortaleceu-se, então, entre os colonos, a ideia de germanidade⁴ (JUNGBLUT

⁴ O termo alemão é *Volkstum*, variante de *Deutschtum*, e diz respeito à noção de etnia alemã e ao sentimento de pertencimento a esta, baseado em sangue e língua, ultrapassa as fronteiras políticas e nada tem a ver com questões de cidadania.

1994; DREHER 2003) e o caráter comunitário entre as famílias. Nessa situação, também o contato com o português era, em muitos casos, praticamente nulo.

Apesar da falta de recursos e apoio do governo, os imigrantes fundaram suas igrejas dentro das colônias e, através delas, também as escolas, cujo professor era, geralmente, o pastor ou padre. Aliás, a relação entre igreja escola é, até hoje, fortemente mantida entre os teuto-brasileiros. Contudo, na época da imigração, dificilmente as igrejas dispunham de sacerdotes ordenados e letrados. Muitas vezes, para que os colonos pudessem praticar sua crença e escolarizar seus filhos, elegiam o colono perceptivelmente mais apto ou, na falta deste, o colono sem alguma ocupação para assumir as missas ou cultos, o qual atuava também como professor na escola, que, na maioria das vezes, funcionava dentro da própria igreja. Assim surgiram os chamados “pseudo-pastores” e “pseudo-padres”. Cabe aqui ressaltar, ainda, que, apesar do uso da variedade dialetal no dia a dia dos colonos, a variedade linguística presente no contexto religioso de ambas as confissões corresponde ou se aproxima da variedade padrão do alemão: em sermões, pregações, nas orações, hinos, no confessionário, bem como em inscrições em cemitérios, em publicações da igreja etc. Daí a hipótese de que a religião tenha sido um forte fator na manutenção da língua de imigração alemã, e de que a separação histórica entre os grupos de imigrantes católicos e luteranos, tanto na organização social, quanto na ocupação de áreas distintas (Roche 1969, p. 130), levou a comportamentos linguísticos igualmente distintos. Fatores históricos, portanto, ajudam a explicar determinadas tendências de variação do Hunsrückisch.

2.4 Fases do contato alemão-português: imigrantes pioneiros e tardios

Considerando as fases da imigração e o contexto em que estão envolvidas, bem como através de análises prévias da variação diatópica dos dados do ALMA-H, pode-se levantar a hipótese de que imigrantes tardios teriam trazido da matriz de origem uma variedade dialetal mais próxima do Hochdeutsch em relação aos imigrantes pioneiros.

Sabe-se que na época em que os primeiros colonos alemães emigraram ao Brasil, entre 1824 e 1850, não havia ainda, na Alemanha, uma unidade linguística padrão, tampouco a variedade escrita do alemão estava efetivamente difundida no país, situação esta que possivelmente favoreceu a presença de uma grande quantidade de dialetos. Os imigrantes

pioneiros em geral não tiveram acesso à escrita, dificilmente eram escolarizados. A partir da segunda metade do século XIX eles já teriam tido na matriz de origem maior acesso ao Hochdeutsch e à escrita devido à emancipação do ensino naquele país. Isso permite levantar a hipótese da correlação entre a variedade dialetal e a época da imigração, abrindo a possibilidade de comparação de traços linguísticos entre as colônias antigas e mais recentes.

Em decorrência do isolamento e da ausência da variedade escrita, a língua dos imigrantes alemães foi se distanciando cada vez mais do alemão falado na Alemanha e o sentimento de germanidade foi enfraquecendo. Com o tempo, os imigrantes recentes, provenientes diretamente da raiz europeia, eram vistos pelos descendentes dos imigrantes pioneiros como *Deitschlänner* (*Deutschländer* = alemão da Alemanha), em oposição a *Deutschbrasiliooner* (*Deutschbrasilianer* = teuto-brasileiro), e falantes da variedade *standard*, de maior prestígio social. Por esta razão, há a tendência de imposição dessa variedade com *status* social mais elevado, como ocorreu no município de Panambi, conforme mostraram os estudos de Altenhofen (1996). Nesse sentido comenta Willems (1940) que é preciso que nesses contatos “apareça uma superioridade que determine ou imponha a aceitação”, pois só o contato em si não é suficiente para uma língua influenciar na outra. Assim também acontece no contato com o português:

As pessoas que falam português, em contato permanente ou intermitente com os colonos, são geralmente representantes da sociedade urbana, considerada mais “fina”, mais “inteligente” e por isso mesmo invejada e imitada pelas populações rurais. (Willems 1940, p. 203)

Observa-se que essa influência é maior em contextos urbanos e entre jovens de classes sociais mais elevadas. Este mesmo autor (1940, cap. 11) ainda traz exemplos de empréstimos de palavras do português, principalmente no âmbito de questões novas, como as inovações tecnológicas do período posterior à imigração e termos da fauna e da flora do novo meio, inexistentes na matriz de origem. Fala-se, nesse sentido, em um processo de “abrasileiramento” do alemão dos colonos, fator este que tanto gera preconceito em relação ao dialeto, considerado “nem alemão, nem português” (Altenhofen 2008).

CAPÍTULO 3 – MODELO TEÓRICO: MACROANÁLISE PLURIDIMENSIONAL

3.1 ALMA-H: *corpus* e dimensões de análise

O objetivo geral do Projeto é a elaboração de um atlas linguístico-contatual do Hunsrückisch falado em uma área que corresponde à região da Bacia do Prata, abrangendo o sul do Brasil e parte da Argentina e do Paraguai. Além do objeto de estudo, no caso o Hunsrückisch, entram em jogo as línguas faladas na área em questão, como o português e o espanhol. Daí a razão de constituir um atlas “linguístico-contatual”, no âmbito da dimensão dialingual. Assim como o ADDU (*Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*) e o ALGR (*Atlas linguístico Guaraní-Románico*), bem como o ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*), este último ainda em fase de levantamento de dados, o ALMA-H visa descrever, conforme já aludimos no cap. 1, a variação no espaço pluridimensional através de uma série de dimensões, as quais permitem analisar e comparar, entre um ponto e outro (dimensão diatópica), a fala de homens e mulheres (dimensão diasssexual), de diferentes faixas etárias (dimensão diageracional) pertencentes a estratos sociais distintos (dimensão diastrática), de diferentes confissões religiosas (dimensão diarreligiosa), falantes de uma ou mais línguas (dimensão dialingual) com competência linguística para perceber e “julgar” variantes distintas da língua (dimensão diarreferencial), conforme a sua posição social, e com competência para empregar mais de um estilo de fala, conforme a situação (dimensão diafásica).

Os estudos fundamentados no modelo da dialetologia tradicional, de caráter monodimensional, como é o caso, por exemplo, do ALERS (*Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*), consideram apenas a variação entre um ponto e outro no espaço (dimensão diatópica) e entre falantes de mesmo perfil social. Por restringir os estudos da variação no eixo da diatopia, esse método tem sofrido uma série de críticas. No entanto, não se deve negligenciar tais estudos, uma vez que estes respondem aos objetivos pretendidos e que vem a justificar a opção da geolinguística pela escolha dos informantes. Esta busca estudar a língua diacronicamente, procurando chegar ao passado através do presente. Daí a preferência por informantes mais velhos, de baixa escolaridade, falantes da variedade rural,

prioritariamente de regiões de colonização mais antigas, portanto mais conservadoras (Altenhofen 2006) e sem mobilidade significativa.

Porém, longe de desdenhar tais estudos, a nova metodologia pluridimensional e relacional permite e busca a comparação com outras pesquisas geolinguísticas, ainda que tenham sido realizadas a partir de outro enfoque. Além disso, não se pode negligenciar a contribuição dos atlas linguísticos monodimensionais para uma dimensão específica e “podem constituir uma fonte de pesquisa e de comparação extremamente importante para outros estudos não apenas linguísticos” (Altenhofen 2006, p. 165). Por outro lado, é inegável a existência de uma deficiência nos atlas monodimensionais no desejo que vem sendo demonstrado pelos estudos da dialetologia atual de se comparar gerações distintas ou a fala de homens e mulheres, por exemplo, buscando abranger a análise da variação linguística no maior número de dimensões possíveis.

3.2 Rede de pontos

Conforme se pode visualizar no mapa 1, a rede de 38 pontos do projeto ALMA-H abrange áreas linguísticas do Hunsrückisch constituídas de localidades situadas nas regiões de colonização alemã nos três estados do sul do Brasil e ultrapassa as fronteiras políticas internacionais, alcançando pontos no leste da Argentina e do Paraguai. A escolha dos pontos de inquérito corresponde aos movimentos migratórios dos imigrantes alemães e seus descendentes. Compreende as chamadas colônias velhas (*Mutterkolonien*, pontos RS01 a RS16), e novas (*Tochterkolonien*), estas últimas localizadas no noroeste gaúcho e oeste catarinense e paranaense. As colônias novas foram fundadas pelos descendentes dos imigrantes das colônias velhas, migração que se expandiu para o interior do Paraguai e Argentina. Além dessa vasta área, a rede de pontos do ALMA-H envolve, ainda, as primeiras colônias do leste catarinense (pontos SC01 e SC02), na região de São Pedro de Alcântara, fundadas a partir de 1829 com a chegada dos primeiros imigrantes alemães em Santa Catarina, e uma ilha linguística no Paraná, igualmente antiga (ponto PR01 – Rio Negro).

O recente levantamento no ponto SC01 (São Pedro de Alcântara) revelou um tipo dialetal regional que sofreu um diferente processo de lusitanização e apresenta tendências distintas em relação ao Hunsrückisch rio-grandense. Trata-se de um falar peculiar de periferia

da capital do estado, Florianópolis. Vale dizer que nesta região, assim como em todo o leste catarinense, houve forte colonização açoriana. Outras regiões de colonização alemã, como o Vale do Itajaí, no mesmo estado, constituem-se de áreas linguísticas distintas, onde são empregadas outras variedades dialetais, como por exemplo o pomerano, em Pomerode, ou o bávaro, em São Bento do Sul e Treze Tílias (cf. Altenhofen 2009).

3.3 Coleta de dados

Para a coleta de dados representativos e comparáveis, é utilizado, em cada ponto do ALMA-H, um questionário com questões de ordem sociológica (partes A e B) e linguística (C e D). Sua elaboração se inspira em modelos de questionários dos atlas linguísticos pluridimensionais anteriores (como o ADDU e o ALGR) e se constitui, basicamente, da seguinte forma (cf. Altenhofen 2009):

- A. Identificação sociolinguística dos informantes (37 perguntas)
- B. Características da localidade: breve descrição (4 perguntas)
- C. Parte linguística (401 perguntas), subdividida em:
 1. Lexical (246 perguntas)
 2. Fonético-fonológica (93 perguntas – técnica de entrevista: pergunta em português e resposta com tradução para o Hunsrückisch)
 3. Gramatical I (42 perguntas – técnica de entrevista: tradução das frases de Wenker (*Wenker-Sätze*) do alemão-padrão para o Hunsrückisch)
 4. Gramatical II (morfossintaxe; 17 perguntas complementares às frases de Wenker – técnica de entrevista: tradução de frases do português para o Hunsrückisch)
 5. Gramatical III (competência linguística em alemão-padrão; 11 perguntas – técnica de entrevista: tradução do português para o alemão-padrão)
- D. Leituras da parábola “O filho pródigo” em alemão-padrão e português.

Além da entrevista com questionário, fazem parte do *corpus* etnotextos coletados através de gravação em áudio e/ou vídeo, bem como materiais iconográficos, como fotografias, publicações, inscrições, placas, panfletos da localidade, entre outros.

3.4 Variáveis linguísticas: variantes convergentes e divergentes

As variantes do contínuo do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul caracterizam-se pela presença de traços que se opõe conforme o grau de dialetalidade e podem apresentar tendências de dois tipos: *Deutsch* ou *Deitsch* (com traços, respectivamente, [+padrão] e

[+dialetais]). Não há, porém, uma delimitação sólida entre ambos os tipos. A existência de variáveis genéricas, bem como da variação interna em cada tipo dificultam sua classificação.

Os tipos *Deutsch* e *Deitsch* apresentam traços convergentes que permitem dizer com mais consistência que se trata de duas variantes pertencentes a uma única base dialetal, no caso o *Hunsrückisch*. São traços gerais, por exemplo (cf. Altenhofen 2009):

- a) Não-arredondamento de vogais como /ü/ e /ö/, como em *müde* [mɪ:ɖ], *schön* [ʃe:n];
- b) Dissimilação de encontros consonantais, como /nd, rd, rt/, por exemplo em *Kinder* [ˈkʰɪnə], *hundert* [ˈhʊnɐɖ], *Garten* [ˈɡa:də] var. [ˈɡɔ:də];
- c) Uso de *tun*-perifrásico, por exemplo *Das tut reene/reechne*;
- d) Dessonorização de consoantes em sílaba tônica e lenização em posição pós-tônica, por exemplo em *Backen* [ˈbʌgə];
- e) Apócope de *-e* átono e *-(e)n* (este último especialmente em infinitivo verbal e no particípio de verbos irregulares), por exemplo *Schule* [ʃu:ɫ], *finden* [ˈfɪnə], *gefunden* [ɡəˈfʊn];
- f) Diversas generalidades lexicais, como por exemplo *Fixfeier* ou *Fosfeier* (*Streichholz*, correspondente a “fósforo”, do português).

Por outro lado, o tipo *Deutsch* se diferencia das demais variantes do *Hunsrückisch* através de algumas variáveis convergentes com os traços do alemão-padrão (v. tab. 2, de Altenhofen 2009), que, apesar de em menor número, são as que definem a percepção dos falantes, ao associar o tipo *Deutsch* com variantes de maior prestígio (“*Feindeitsch*”), sendo referido, muitas vezes, como *Hochdeitsch*.

Variável	Variantes do tipo “Deutsch”	Variantes do tipo “Deitsch”
<i>ei</i>	[aɪ] <i>Reis</i> ‘Reise’, <i>klein</i> , <i>allein</i>	[eɪ] <i>Rees</i> , <i>kleen</i> , (<i>a</i>) <i>leen</i>
<i>ie</i>	[i:] <i>Veliere</i> , <i>Schmier</i> , ‘Marmelade’, <i>namoriere</i> , ‘eine(n) Freund(in) haben’	[e:] <i>veleere</i> , <i>Schmeer</i> , <i>namoreere</i>
<i>iu</i>	[ɔɪ] <i>Deutsch</i> , <i>Feuer</i> , <i>heut</i>	[aɪ] <i>Deitsch</i> , <i>Feier</i> , <i>heit</i>
<i>ou</i>	[aʊ] <i>Baum</i> , <i>auch</i> , <i>laufe</i>	[ɔ:] <i>Boom</i> , <i>ooch</i> , <i>loofe</i>
<i>a</i>	[a:] <i>Hahn</i> , <i>saht</i> ‘sagte’, <i>Fadem</i> ‘Faden’	[ɔ:] <i>Hoohn</i> , <i>soohn</i> , <i>Foodem</i>
<i>â</i>	[a:] <i>Jahre</i> , <i>Straß</i>	[o:] <i>Johre</i> , <i>Stroß</i>
<i>pf</i>	[f] <i>Fiesich</i> ‘Pfersich’, <i>flanze</i>	[p] <i>Pesch</i> , <i>planze</i>
<i>s</i>	[s] <i>fest</i> , <i>Fenster</i> , <i>bist</i> , <i>leest</i> ‘liest’	[ʃ] <i>Fescht</i> , <i>Fenschter</i> , <i>bischt</i> , <i>leescht</i>
<i>g</i>	[ç, x] <i>Reechne</i> ‘regnen’, <i>Vochel</i> ‘Vogel’	[] <i>reene</i> ‘regnen’, <i>Vohl</i> ‘Vogel’
<i>b</i>	[b] <i>lebe</i> , <i>schreibe</i>	[v] <i>lewe</i> , <i>schreiwe</i>
<i>Léxico</i>	p. ex. <i>Fead</i> , <i>Gorke</i> , <i>Friedhof</i>	p. ex. <i>Gaul</i> , <i>Gummer</i> , <i>Kerrichuff</i>

Tab. 2 – Variantes divergentes na comparação dos tipos *Deutsch* e *Deitsch*

Através das análises prévias dos dados do ALMA-H, supõe-se que os tipos *Deutsch* e *Deitsch* se distribuem em duas grandes áreas nas colônias velhas. Os pontos do projeto situados próximos a São Leopoldo compreendem a área *Deitsch*, enquanto que na região de colonização mais recente há um predomínio do tipo *Deutsch*.

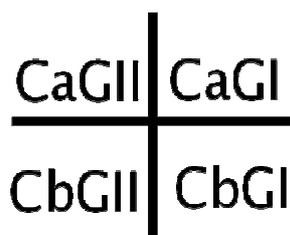
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Situando a análise

A análise dos dados, no presente estudo, baseia-se sobretudo na identificação de sete variáveis fonético-fonológicas do vocalismo (v. tab. 2, com o complemento da variável /iu/, como em *läuten*, var. /ɔʏ/ vs. /aʏ/) nas entrevistas do ALMA-H dos pontos já levantados nas colônias velhas (pontos RS02, RS04, RS06, RS07 e RS09 a RS16). Essa duplicidade de variável mhd. /iu/ manteve-se propositalmente, para verificar relações entre lexemas/itens lexicais da mesma base de origem (no caso, *läuten* e *Feuer*). Esse cuidado é necessário, para evitar generalizações precipitadas.

A partir da confecção de mapas para as variáveis analisadas, deu-se a elaboração e interpretação de um mapa sintético (v. anexos). No âmbito da topodinâmica dos imigrantes alemães, o estudo analisa, adicionalmente, as entrevistas do ponto SC06, nas colônias novas, para onde migraram descendentes de imigrantes das duas áreas das colônias velhas (*Deutsch* e *Deutsch*).

A análise pluridimensional é de ordem tanto quantitativa – por meio do cálculo da porcentagem de ocorrências *Deutsch* ou *Deutsch* –, como qualitativa e se focaliza, basicamente, na dimensão **diatópica**, **diageracional** e **diatrática**, bem como na **topodinâmica** dos imigrantes. Para sistematizar essa macroanálise, os dados são cartografados com a utilização de uma cruz que indica as dimensões:



Ca: Informantes com escolaridade superior

Cb: Informantes com baixa escolaridade e ocupação profissional sem utilização da escrita

GII: Geração dos velhos (acima de 55 anos)

GI: Geração dos jovens (18 a 36 anos)

4.2 Delimitação das áreas *Deutsch* e *Deitsch* no eixo da diatopia

A análise diatópica dos mapas revela claramente a existência de duas grandes áreas linguísticas constituídas por pontos agrupados pela convergência dos traços dialetais, conforme se pode visualizar no mapa sintético (mapa 12): de um lado, nas colônias próximas a São Leopoldo (pontos RS01 a RS07), encontra-se uma área com presença de variantes com características mais dialetais (área *Deitsch*); de outro, a oeste, a partir do vale do Taquari, uma área com traços [+padrão] (área *Deutsch*). Essa observação corrobora a hipótese levantada em 2.4 e confirma a constatação prévia de Meyer (2008), de que os imigrantes tardios teriam trazido da matriz de origem uma variedade dialetal mais próxima do alemão-padrão em relação aos pioneiros. Isso pode ser verificado observando, em cada ponto, a data de fundação. As colônias mais recentes situam-se na área oeste, que corresponde à zona do tipo *Deutsch*, enquanto que as antigas, no leste, constituem a área do tipo *Deitsch*. Como havia previsto o estudo de Meyer (2008), a área *Deutsch* inicia-se a partir do vale do Taquari, constituindo uma área de transição. Nessa área de transição, contudo, o ponto RS11 (Lajeado & Forquetinha) configura-se como uma espécie de ilha remanescente com variantes predominantemente [+dialetais]. Antes, achávamos que o ponto RS10 (Colinas) é que se configurava como ilha [+padrão] em meio a uma área *Deitsch*; sua abrangência, no entanto, se junta a RS09 (Estrela & Teutônia), que apresenta uma heterogeneidade interna muito grande.

Ainda no eixo da diatopia, percebe-se o contraste entre pontos homogêneos quanto à situação da língua no contínuo, bem como pontos heterogêneos, com traços variáveis. Ou seja, de um lado, pontos relativamente estáveis nos traços [+deitsch] (RS02, RS04, RS07, RS11) e [+deutsch] (RS12, RS14 a RS16), e, de outro, pontos mais heterogêneos, com variação interna. Estes últimos estão situados em uma zona de transição entre as duas áreas, como RS09, ou em áreas entre contatos distintos (RS06 e RS13) e que pressupõem um contato entre falantes *Deutsch* e *Deitsch*.

Curiosamente, Santa Cruz do Sul (ponto RS13), considerada por muitos falantes de outras áreas como o protótipo do “melhor alemão” falado na região (*Deutsch*), mostra, nos traços analisados, uma variação interna significativa. Chama atenção que nos dados, sobretudo do meio rural, por exemplo na *Linha Schwerin* (pt. = Linha Andrade Neves) se misturam traços *Deutsch* com uso de palavras como *dat* / *wat*, tipicamente do tipo [+moselano] no contínuo do Hunsrückisch. Uma explicação possível é a presença de grupos

de origem dialetal distinta, tal como em RS06 (Nova Petrópolis), como por exemplo o pomerano na localidade de Sinimbu, próxima ao ponto RS13.

4.3 Diferenças de comportamento vinculadas ao lexema

O comportamento de algumas variáveis nos dados analisados mostrou a importância da análise interna, entre as próprias variáveis, de modo a evitar generalizações. Algumas são mais suscetíveis a variação. É o caso, por exemplo, da oposição entre *liel* vs. *leil*, que se mostrou bastante variável, mesmo em colônias linguisticamente estáveis. Na análise da variável do mhd. *liel* (oposição [ɪ] vs. [e:]), observa-se que há o predomínio em geral da variante [+padrão] *veliere*. Constatou-se que os pontos onde ocorre a variante *veleere* são os que apresentam maior grau de dialetalidade, com fortes características do tipo *Deutsch* (pontos RS02, RS07 e RS11). No sentido inverso, *Straß* (Mhd. /â/) predomina com a variante [+dialeto] (*Strooß*), mesmo em pontos da área *Deutsch*, como em RS10 e RS12 (v. mapa 6). Nota-se, neste caso, que os pontos onde a variante [+padrão] predomina são aqueles com características [+padrão], tipicamente *Deutsch*, como RS14, RS15 e RS16. Vale observar que /â/ se opõe ao /a/ breve. Por essa razão, pode ocorrer a variante [a:] em *Hahn*, porém [o:] em *Straß*, como nos pontos RS12 e RS13.

Embora tenham origem na mesma variável Mhd. *liul*, as variantes em *läuten* e *Feuer* (oposição /ɔʏ/ vs. /aʏ/, v. mapas 7 e 8) mostraram-se variáveis em pontos como RS13 e RS16. A oposição entre essas variantes se mostrou mais complexa do que aparenta, mesmo na comparação de mesma variável em diferentes itens lexicais. Percebem-se, nesse caso, interferências vinculadas ao tipo de lexema. Embora o falante diga *Deutsch*, pode ocorrer *Feier*, como em RS16 (Agudo). Para esclarecer melhor essa questão, outros itens lexicais com variáveis de mesma base do *Mitteldeutsch* podem ser comparados, de modo a diagnosticar se *Feier* constitui uma exceção.

4.4 Variações no eixo vertical

Através de análises prévias supunha-se que informantes de classe mais escolarizada empregam traços [+padrão] do que informantes de baixa escolaridade. Comparando-se os

diferentes estratos sociais (**dimensão diastrática**), não se percebe, porém, uma diferença substancial entre informantes *Ca* e *Cb*. Essa característica envolve especialmente os pontos linguisticamente estáveis da área *Deutsch* (v. gráfico 1).

A análise da dimensão diageracional revelou que o tipo *Deutsch* predomina, de modo geral, na geração dos velhos. Nas localidades mais antigas, situadas na área *Deutsch*, a ocorrência de variantes [+padrão] entre os jovens chega a ser nula, enquanto que os mais velhos ainda preservam traços convergentes com o alemão-padrão. Uma interpretação possível para este fenômeno sustenta a hipótese levantada em 2.3 de que os jovens teriam tido menos oportunidade de contato com a escrita dessa variedade e/ou ensino de alemão-padrão nas escolas devido às conseqüências oriundas da proibição de seu uso durante a Segunda Guerra Mundial e da política de Nacionalização do Ensino durante o Estado Novo. Isso explica a maior proficiência também na leitura em alemão-padrão por parte dos mais velhos, no âmbito da **dimensão diafásica**. Porém, a análise dos pontos situados na área *Deutsch* mostra que tal constatação não é categórica, como se pode visualizar no gráfico 1 abaixo:

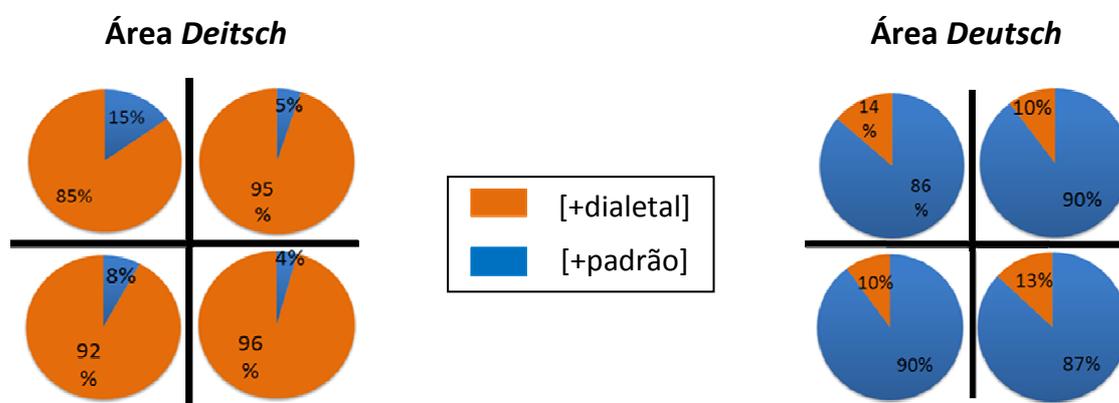


Gráfico 1 – Síntese da variação interna existente nas áreas *Deitsch* e *Deutsch*

O gráfico 1 sintetiza e quantifica os dados expostos no mapa sintético (Mapa 12). Observa-se que na área *Deitsch* falantes *Ca* empregam número de traços [+padrão] razoavelmente maior do que falantes *Cb*. O mesmo ocorre na comparação entre falantes *GII* e *GI*. Observa-se que os jovens dialetalizam mais. Esta dimensão diageracional se mostrou mais variável e com diferenças mais significativas do que a diastrática. Na área *Deutsch*, porém, percebe-se uma situação semelhante na comparação entre velhos e jovens, com margem de

divergência muito pequena. Isso leva à constatação de estabilidade linguística relativamente maior na área *Deutsch*. Interessante observar, no entanto, que, diferentemente do que se supunha, entre os velhos mais escolarizados, há maior presença de traços [+dialetais], na comparação com as outras células.

4.5 Topodinâmica dos imigrantes: aspectos da língua nas colônias novas

Enquanto as colônias velhas receberam imigrantes diretamente da Alemanha, as novas, por sua vez, foram fundadas por migrantes provenientes das primeiras. Os descendentes de imigrantes alemães, à procura de novas terras, infiltraram-se para o noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina e Paraná. Os dados dos pontos localizados nas colônias novas permitem, por essa razão, tratar da variação do Hunsrückisch do ponto de vista topodinâmico.

No caso de Itapiranga, ponto SC06, para onde migraram colonos provenientes das duas áreas dialetais das colônias velhas, ocorre o contato linguístico entre falantes do tipo *Deutsch* e *Deitsch*. Em praticamente todos os mapas analisados é facilmente observável a heterogeneidade dos traços presentes e a coexistência dos tipos. Esse contexto leva à pergunta sobre a variedade dialetal predominante nessa localidade. Uma vez que o tipo *Deutsch* é associado pelos falantes a variantes mais próximas do padrão, portanto com maior prestígio social, é de se supor que, nessa coexistência de tipos, seus traços prevalecem sobre os demais. Entretanto, ainda que no mapa sintético se perceba claramente, no ponto SC06, a heterogeneidade dos traços dialetais, variáveis como /iu/ (em *läuten*), /ei/ e /ou/ (mapas 8, 10 e 11, respectivamente) aparecem, predominantemente, com características mais dialetais, o que contradiz a pressuposição do predomínio de traços *Deutsch* nessa situação de contato.

Segundo os dados analisados em SC06, tem-se como resultado o gráfico de frequência:

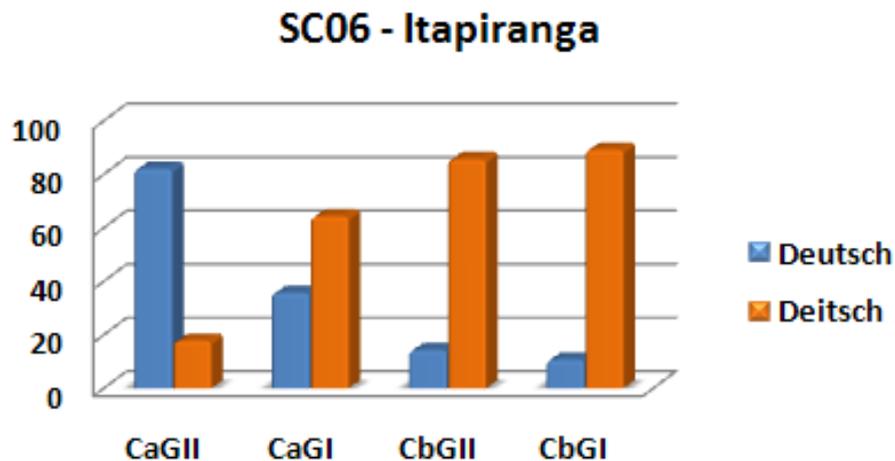


Gráfico 2 – Variação de *Deitsch* e *Deutsch* no ponto SC06

Através do gráfico 2 é possível observar, de modo geral, a coexistência dos tipos *Deutsch* e *Deitsch*. Observa-se que entre falantes CaGII predominam traços [+padrão]; entre os jovens de mesma classe sociocultural (CaGI), porém, a variação é mais heterogênea, com cerca de 30% a mais de ocorrências de traços [+dialetais]. Os velhos e jovens da classe culturalmente baixa apresentam características dialetais semelhantes. Ambos os grupos apresentam maior número de variantes [+dialetal].

Na dimensão diastrática, observa-se que os informantes mais escolarizados apresentam traços [+padrão]. Essa incidência é ainda maior entre a geração dos velhos, na dimensão diageracional. Portanto, não é difícil constatar que, em SC06, não só predomina o tipo *Deitsch* na localidade, como os jovens dialetalizam mais do que os velhos. Essa constatação revela uma mudança linguística em curso na direção do tipo *Deitsch*. Nas gerações futuras, é provável que os traços [+dialetal] se imponham sobre os [+padrão], de modo a estabilizar a situação da língua no ponto SC06. Nesse caso, a hipótese de que variantes do tipo *Deutsch*, por terem maior prestígio social, prevaleçam sobre as do tipo *Deitsch*, não se confirma, pelo menos em SC06. Fica então a pergunta sobre a tendência dialetal nas demais localidades situadas nas colônias novas, cujas análises ainda não são possíveis por falta de dados.

4.6 Percepção dos falantes

A atribuição de valor metalinguística pelos falantes ocorre com mais evidência no plano fonético-fonológico. Traços do tipo *Deutsch*, [+padrão], têm valoração social de maior prestígio em relação aos do tipo *Deitsch*, [+dialetais]. Variantes como [ɔ:] em *Hoohn*, são fortemente percebidas pelos falantes como variante mais dialetal. Essa característica é associada à variedade falada na região de Lajeado (ponto RS11 – Lajeado & Forquetinha), sendo conhecida, inclusive por falantes de outras regiões, como *lajeado-mäßig* (*Lajoode-meessich*, isto é, o modo de falar da região de Lajeado). No sentido inverso, o ponto RS13 (Santa Cruz) é, de modo geral, referido pelos falantes das outras áreas como a localidade onde se fala o “melhor alemão”, conforme as respostas à parte metalinguística do questionário do ALMA-H. No entanto, os dados analisados no presente estudo mostram uma variação interna significativa, refletindo a presença da heterogeneidade dos grupos dialetais na localidade.

Por outro lado, variáveis morfossintáticas ou semântico-lexicais não são tão perceptíveis. O modo como os falantes denominam a sua própria língua ou aludem a outras variedades pode revelar o tipo dialetal e a valoração social que há por detrás dessas atitudes. Denominações como *Hunsbucklisch* ou *Verbrochenes Deutsch*, por exemplo, denunciam o caráter irônico ou, no segundo caso, o *status* social da língua. Nesse sentido, o tipo que convencionamos chamar *Deutsch* é, muitas vezes, aludido como *Hochdeutsch* (var. *Hochdeitsch/Hofdeitsch*). Distingue-se, porém, do alemão falado na Alemanha (“alemão gramatical”). Vale dizer que, apesar da tentativa de classificação entre *Deitsch* e *Deutsch* do presente estudo, nem sempre os falantes denominam sua língua dessa forma. Há muitas ocorrências de designações como *Platt* (ou *Plattdeitsch*, *Hunsrücker Platt*) e, inclusive, em português (“dialeto”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na plano da diatopia, o presente estudo reforçou a pré-constatação da existência de duas grandes áreas dialetais nas colônias velhas. Isso confirma a hipótese da correlação entre a variedade dialetal de origem e a época da imigração (relação entre imigrantes pioneiros e tardios com a variedade dialetal). Mesmo o tempo de contato com o português e/ou outras variedades pode constituir outro fator de influência no grau de dialetalidade.

As migrações internas, inclusive a locomoção dos imigrantes das colônias velhas para as novas, pressupõem a relevância de se considerar a topodinâmica como uma das dimensões de análise. No caso do ponto SC06, entra em jogo o contato entre variantes dos tipos *Deitsch* e *Deutsch*. Os dados dessa localidade revelaram uma mudança em tempo aparente para o tipo *Deitsch*, uma vez que os jovens dialetalizam mais em relação aos velhos. Com isso, coloca-se a pergunta a respeito dos demais pontos localizados nas colônias novas, cujos levantamentos ainda estão em aberto, ou seja, fica a pergunta sobre a existência de uma mudança em curso em direção ao predomínio de traços [+dialetais], como em Itapiranga. Não se pode, ainda, levantar hipóteses consistentes a este respeito, uma vez que nem todas as localidades apresentam o mesmo contexto de contato entre os dois tipos, existente em Itapiranga.

Além de SC06, também os pontos situados nas colônias velhas apresentam divergência de traços na análise diageracional. Os velhos, em geral, apresentam maior número de variantes do tipo *Deutsch* do que os jovens, especialmente nos pontos da área *Deitsch*. Nos comentários metalinguísticos (dimensão diarreferencial), percebe-se uma alta proficiência e conhecimento das variantes do Hochdeutsch entre aquela geração de informantes, inclusive na leitura nessa variedade.

Apesar de o presente estudo limitar-se, basicamente, à análise das dimensões acima citadas, a metodologia empregada na coleta de dados do ALMA-H possibilita observar a variação através de outros pontos de vista/outras dimensões. É comum, por exemplo, um único indivíduo variar seu modo de falar, dependendo da situação. Em uma conversa livre e informal o informante pode apresentar traços mais dialetais, enquanto que na entrevista com

questionário, traços mais padrão, devido à situação clara de entrevista. Este aspecto entra na questão da dimensão diafásica. Esta pode ser analisada por meio da leitura em Hochdeutsch, das conversas livres e, inclusive, como foi exemplificado, da própria entrevista com questionário. Também as percepções e atitudes dos falantes com relação à língua podem constituir dados significativos (dimensão diarreferencial). A denominação dada pelos informantes à sua própria língua, por exemplo, pode indicar o tipo de variedade falada na localidade em questão.

Para que se possa obter resultados consistentes na questão da dimensão diarreligiosa, é necessário que se tenha uma gama de pontos levantados ainda maior, uma vez que a confirmação da hipótese da correlação entre língua e religião depende de uma análise mais abrangente e de maior número de dados possível que possam corroborar ou não tal hipótese.

Por configurar-se como um ensaio inicial para estudos futuros, o presente trabalho deixa, ainda, algumas lacunas. Além das demais dimensões acima mencionadas, traços do consonantismo e variantes lexicais, bem como a análise de etnotextos e questões de letramento poderão ser incluídas no *corpus*. Com um banco de dados completo e uma visão mais ampla da variação do Hunsrückisch no espaço pluridimensional, torna-se possível uma análise sob outros enfoques, como por exemplo, questões de nivelamento linguístico e de questões ligadas à romanística, na interferência do português no alemão e vice-versa nos diversos níveis linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo V. *O conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo (em alemão e português)*. In: Martius-Staden-Jahrbuch. São Paulo, n. 49, 2002. (141-161)
- ALTENHOFEN, Cléo V. *A constituição do corpus para um „Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata“*. In: Martius-Staden-Jahrbuch. São Paulo, n. 51, 2004. (135-165)
- ALTENHOFEN, Cléo V. *Dialetos alemães falados no Brasil: origem, diversidade e contato com o português*. In: SCHNEIDER, C.; ARENDT, I.; WITT, M. (orgs.). *Entre vales e serras: fronteiras*. Anais do IX Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras. São Leopoldo: Casa Leiria, 2008.
- ALTENHOFEN, Cléo. V. *Dachsprachenwechsel und Varietätenabgrenzung im Kontakt zwischen Hunsrückisch und Portugiesisch in Brasilien*. Porto Alegre (no prelo), 2009.
- BELLMANN, Günter. *Arealidade e socialidade?* Trad. Cristiani W. Gross. Ver. Erica Schultz e Cléo V. Altenhofen. In: ALTENHOFEN, Cléo V. (org.). *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras*, nº 5, janeiro de 1999. 2. ed.
- COSERIU, Eugênio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. 44p. (Cuadernos de Linguística; 8.)
- DREHER, Martin N. *O Estado Novo e a Igreja Evangélica Luterana*. In: MÜLLER, Telmo L. (org.). *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994. (87-110)
- DREHER, Martin N. *Protestantismos na América Meridional*. In: DREHER, M. N. (org.). *500 anos de Brasil e igreja na América Meridional*. Porto Alegre: Edições EST, 2002. (115-138)
- DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. 2. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- JUNGBLUT, Airton L. *O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica*. In: MAUCH & VASCONCELLOS (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. (139-147)
- KÖNIG, Werner. *Dtv-Atlas zur deutschen Sprache. Tafeln und Texte*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1978.

- KREUTZ, Lúcio. *Escola e etnia: divergências entre Igreja e Estado*. In: MÜLLER, Telmo L. (org.). *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994. (37-64)
- KREUTZ, Lúcio. *Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica*. In: MAUCH, C. & VASCONCELLOS, N. (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. (149-1.61)
- KREUTZ, Lúcio. *Igreja Católica e o processo escolar entre os imigrantes alemães católicos no Rio Grande do Sul*. In: DREHER, M. N. (org.). *500 anos de Brasil e igreja na América Meridional*. Porto Alegre: Edições EST, 2002. (472-480)
- LENZ, Alexandra N. *Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards – Dynamik von Varietäten*. In: EGGERS, E.; SCHMIDT, J. E. & STELLMACHER, D. (Hg.): *Moderne Dialekte – Neue Dialektologie: Akten des 1. Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD)*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2005.
- MEYER, Dagmar E. E. *Língua e religião como instituintes da nacionalidade*. In: CUNHA, Jorge L. & GÄRTNER, Angelika. (orgs.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação*. Santa Maria: UFSM, 2003. (187-213)
- MOELLEKEN, Wolfgang W. *Multilingualism in religion*. In: GOEBL, Hans. et al. (eds.). *Contact linguistics: an international handbook of contemporary research*. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter, 1996. (391-399)
- PAIVA, César. *Escolas de língua alemã no Rio Grande do Sul: o nazismo e a política de nacionalização*. In: Fiori, Neide Almeida et al. (orgs.). *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis : Ed. da UFSC; Tubarão : Ed. Unisul, 2003. p. 103-125.
- RADTKE, Edgar. *Konvergenz und Divergenz regionaler Varietäten*. In: AMMON, Ulrich. et. al. (Eds.). *Soziolinguistik: Ein international Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft*. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 2004. Teilband 3. p. 2189-2196.
- RADTKE, E. & THUN, H. *Novos caminhos da geolinguística românica: um balanço*. Trad. Minka Pickbrenner e Rita D. Wolf. Rev. Cléo V. Altenhofen. In: ALTENHOFEN, Cléo V. (org.). *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras*, nº 5, janeiro de 1999. 2. ed.
- RAMBO, Arthur Blasio. *Nacionalidade e cidadania*. In: MAUCH & VASCONCELLOS (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. (43-54)
- RAMBO, Arthur B. *A igreja dos imigrantes*. In: DREHER, M. N. (org.). *500 anos de Brasil e igreja na América Meridional*. Porto Alegre: EST, 2002. (57-73)
- RAMBO, Balduino. *O rebento do carvalho: contos dialetais (1937 a 1961)*. Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo (RS) : Ed. UNISINOS, 2002 [1937].
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre : Globo, 1969.

- SCHMIDT, Jürgen E. *Versuch zum Varietätenbegriff*. In: LENZ, Alexandra N. & MATTHEIER, Klaus J. *Varietäten – Theorie und Empirie*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2005.
- SEYFERTH, Giralda. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. In: MAUCH & VASCONCELLOS (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. (11-27)
- THUN, Harald. *Variation im Gespräch zwischen Informant und Explorator*. In: LENZ, Alexandra N. & MATTHEIER, Klaus J. (Hrsg.). *Varietäten – Theorie und Empirie*. Peter Lang, 2005. (97-127)
- THUN, Harald. *La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del “Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay”)*. In: International Congress of Romance Linguistics and Philology. (Palermo: 1995)
- THUN, Harald (Dir.). *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*. Kiel: Westensee, 2000.
- THUN, Harald et al. *Atlas lingüístico Guaraní-Románico: Sociología*. Kiel: Westensee, 2003.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed., ilustr., ver. e ampl. São Paulo: Companhia Editora Nacional; [Brasília]: INL, 1980. [1946]
- WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. Ed., ilustr., rev. e ampl. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

ANEXOS

